

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Neide Gaudenci de Sá

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral temática

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituições: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A primeira entrevista de história oral realizada com a professora Neide Gaudenci de Sá, foi realizada empregando o roteiro de entrevista para história oral temática da pesquisa de doutorado. No entanto, durante a entrevista a professora citou que o curso de Formação de Dietista foi transferido da Escola Industrial Carlos de Campos para uma casa alugada na Rua Rego Freitas, 474. Como a pesquisadora havia encontrado uma nota com esse endereço no livro do Arnaldo Laurindo, “50 anos de Ensino Profissional em São Paulo”, referindo a Francisco Pompêo do Amaral, decidiu marcar essa segunda entrevista com a professora Neide Gaudenci de Sá, que aconteceu na sua residência.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Residência da entrevistada, no bairro do Sumaré, São Paulo/SP.

Data: 18 de março de 2012

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 30 minutos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em 18 de março de 2012, para um projeto de doutoramento, com a intenção de realizar uma entrevista de história oral temática no campo da alimentação e nutrição, e, para identificar os motivos que levaram a equipe do médico-chefe Dr. Francisco Pompêo do Amaral, terem transferido o curso de Formação de Dietistas da Escola Industrial Carlos de Campos para uma casa alugada na Rua Rego Freitas, 474, no centro de São Paulo. Durante a entrevista, a pesquisadora ficou sabendo a professora Neide Gaudenci de Sá participou de cursos das primeiras turmas do Instituto Pedagógico de Ensino Industrial. Embora o IPEI não tivesse relação com a temática da pesquisa, mas sendo a pesquisadora coordenadora de projetos de Memórias e História da Educação Profissional, esta decidiu ampliar o questionamento sobre a origem desse instituto. Em 2018, a entrevistadora decidiu difundir essa entrevista de seu projeto de doutorado, no Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP), em 2013, integrando-a ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), a fim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Durante a entrevista na residência da professora Neide Gaudenci de Sá, esta forneceu algumas fotografias e

documentos, de sua coleção, para fotografar e que apresento nas imagens a seguir:



Neide de Gaudenci, de trança ao lado da professora Juraci Pajoro, na Escola Industrial Carlos de Campos, em 1946.



Neide Gaudenci na frente da Escola Industrial Carlos de Campos, em 1951.



As professoras Maria Cecília Bella (centro), Dalva Maria Oliani (à esquerda) e Neide Gaudenci de Sá (à direita), em 1956.

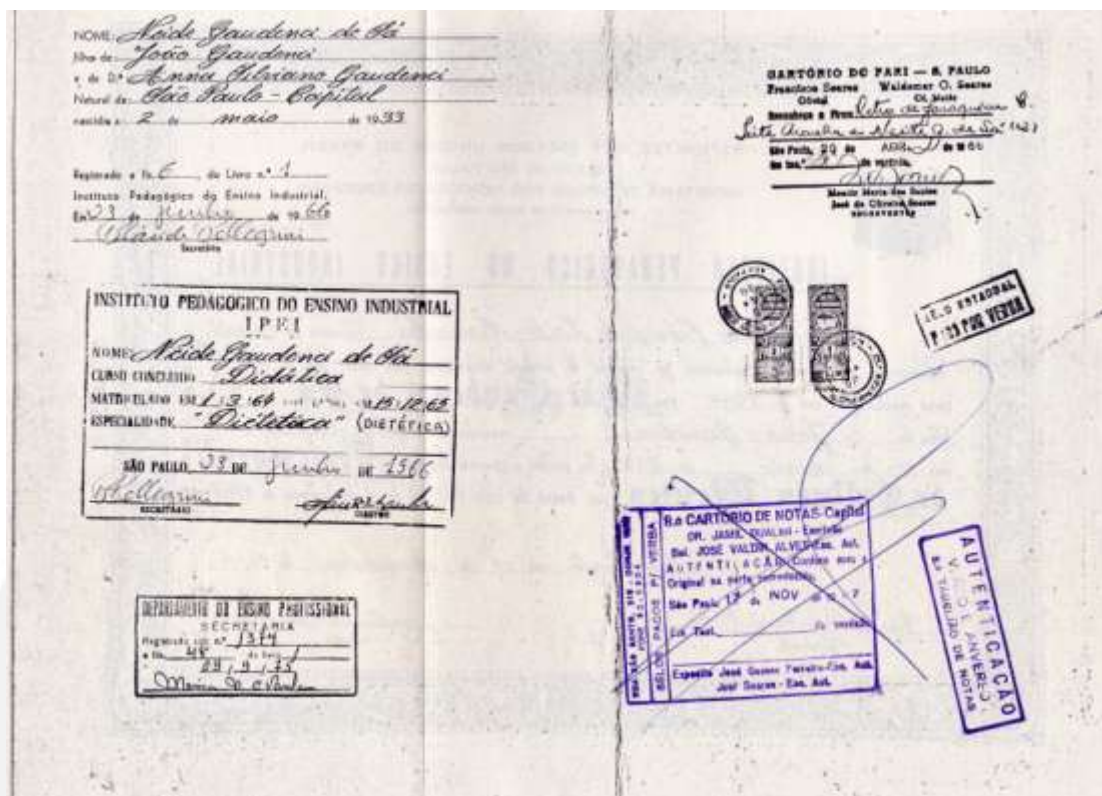


Eunice de Oliveira, Neide Guadenci, Arcelina Ribeiro e Raquel, professoras do curso de Auxiliares em Alimentação, em 1953.



Maecyra Bernardes de Melo e Neide Gaudenci no quintal da Escola de Formação de Dietistas, na Rua Rego Freitas, 474 – centro – São Paulo/SP, em maio de 1955.





Diploma de Neide Gaudenci de Sá no Instituto Pedagógico do Ensino Industrial, em dezembro de 1965.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 05 de abril de 2012

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Data da revisão da transcrição: 08 de abril de 2012

Nome da revisora da transcrição (colaboradora): Neide Gaudenci de Sá

MLMC: Professora, bom dia.

NGS: Bom dia, Maria Lucia.

MLMC: Hoje é dia 18 de março de 2012. Eu quero agradecer a senhora por novamente me receber para essa segunda entrevista, para a minha tese de

doutorado da Faculdade de Engenharia Agrícola da UNICAMP. Por que eu fiquei com uma dúvida, a respeito da transferência do curso de Formação de Dietistas, quando houve o desdobramento para a Rua Rego Freitas, e depois o retorno desse curso para a Escola Carlos de Campos. Então eu queria ouvir um pouco da senhora qual é a sua percepção? O que a senhora se lembra desta época?

NGS: Nós estávamos com o curso na Carlos de Campos, lá no Brás. Não havia tempo hábil para dar duas formações em dois anos. Então, o curso foi separado em dois cursos distintos: Curso de Formação de Professores de Economia Doméstica e Curso de Formação de Dietistas. Nesse momento, o Dr. Pompêo sentiu a necessidade de ir para um lugar mais amplo, onde inclusive pudesse desenvolver melhor o curso de formação. Fomos então para uma casa na Rua Rego Freitas, num bairro completamente diferente daquele onde estávamos. Essa casa era administrada por um mordomo da Santa Casa, não me lembro do nome, conhecido do Dr. Pompêo. Havia um receio da Santa Casa em alugar para uma escola, por que se eles precisassem do prédio, seria muito difícil em se tratando principalmente de uma escola do governo. Mas o Dr. Pompêo convenceu esse amigo e nós fomos para lá. A casa sofreu adaptações, pois era uma casa comum. Tinha uma coisa muito interessante: um quintal enorme, com muitas árvores frutíferas. A Maecira gostava muito de tratar dessas árvores, inclusive, comemos uvaia, goiaba e muitas outras frutas. Lá nos instalamos. Não foi fácil, não. O curso de Divulgação, por exemplo, foi dado na garagem da casa que ficava num vão. O resto foi sendo melhorado à medida que o Departamento mandava algum material. Por que havia uma coisa muito interessante, nós não sabíamos direito a quem devíamos nos dirigir. Ora éramos do Departamento, ora da escola. Nós nos sentíamos desamparados. Mas, com muito empenho, estivemos com o curso lá durante alguns anos. Foi uma época áurea, porque houve a possibilidade de fazer muita coisa. Estávamos sempre na mídia. O Dr. Pompêo tinha amigos jornalistas e eles iam lá fazer reportagens, e Nutrição sempre foi um assunto que despertou o interesse de todo mundo. O Dr. Pompêo com aquele seu viés político, sempre colocava a opinião dele, falávamos muito sobre o custo da alimentação correta.

MLMC: Esse livro que saiu em 60, mas que vocês ganharam o prêmio em 1954, essa análise e essa coleta de dados foi na Rua Rego Freitas que a senhora fez?

NGS: Começou em 52, quando comecei lá na Rua Monsenhor Andrade. Depois foi praticamente quase todo feito na Rua Rego Freitas. Foi um trabalho muito grande mesmo: o levantamento de fichas de inquérito que estavam coletadas há muito tempo. Estavam aguardando essa análise que resultou no Prêmio Nacional de Alimentação, que o SAPS nos concedeu, em 1954. Depois, também, o Dr. Pompêo fez outros tipos de trabalho lá, que ganharam prêmios da Academia Nacional de Medicina.

MLMC: Agora professora como eram, quando estavam juntos, eram dois anos também o curso de Mestria que era de Economia Doméstica e de Auxiliares em Alimentação, as alunas tinham uma carga horária excedente, então, e como era que conseguia fazer os dois cursos? Ou elas já decidiam pelo de Dietistas?

NGS: Quando o curso era duplo, vamos dizer assim, o currículo era menor. Mas, as coisas evoluíram dos dois lados: Economia Doméstica e Nutrição. Foi imperiosa a divisão em cursos distintos. Quando se separaram, cada curso colocou todas as disciplinas que julgou necessárias para aquela formação profissional.

MLMC: Então começaram a surgir novas disciplinas?

NGS: Exatamente.

MLMC: Isso dá para perceber naquele currículo que eu perguntei para a senhora quem eram os professores.

NGS: Isso.

NGS: Nós fomos crescendo cada vez mais e muita coisa conseguiu se colocar. O curso continuou em período integral, nos tínhamos aulas teóricas e práticas o tempo todo.

MLMC: As alunas continuavam então fazendo estágios nos refeitórios da Escola Carlos de Campos e nos refeitórios na Getúlio Vargas?

NGS: Sim, e daí começaram a sair para as indústrias, para os hospitais, e inclusive, na vigilância sanitária, nas creches, nas escolas. Os estágios já eram em número bem maior. Meu estágio foi feito, em 1951, na Casa Maternal Leonor Mendes de Barros.

MLMC: Professora, fazendo o acompanhamento das turmas do curso de Formação de Dietistas, nesse período da transferência, há um número reduzido de alunas. Será que foi por causa da separação? Porque tinham alunas que estavam fazendo os dois? E depois volta novamente a crescer o número de alunas.

NGS: Houve uma possibilidade de opção naquele momento para as alunas que estavam cursando., Como nos estávamos bem mais longe e o pessoal muito mais acostumado ali no Brás, ficamos com um número reduzido, mas isso imediatamente mudou, logo mudou. Aqui nesse outro bairro, acho que é Consolação, na Rua Rego Freitas, passamos a ter alunos de outro nível social também, muito interessados em nutrição, e os cursos cresceram rapidamente. Os cursos de Divulgação para Donas de Casa, que nos dávamos lá e continuamos dando aqui, também tinha uma frequência bem grande.

MLMC: Agora a disciplina de química nesse período, quem dava?

NGS: Eu acho que não havia uma disciplina de química, era bioquímica e a professora era dona Debble.

MLMC: Mas ela introduzia as alunas com a química para depois chegar a bioquímica?

NGS: Não tenho ideia. É lógico que ela deve ter feito isso, porque de outra forma não ia conseguir nada. Mas isso foi um problema que o nosso curso teve durante muito tempo, a falta de pré-requisitos, que fomos corrigindo aos poucos. Se você for ver o currículo do curso de Dietistas, ele tem uma lista muito pequena de disciplinas. Mas, se você for olhar o conteúdo que a gente desenvolvia, vai constatar que era muito grande.

MLMC: A gente percebe por essa análise de currículo que, em 55, já começavam a surgir as disciplinas. Por isso que até perguntei os nomes dos professores para a senhora.

NGS: É que eram consideradas parte de um núcleo básico.

MLMC: Isso veio lá da Rua Rego Freitas.

NGS: De acordo com o Dr. Pompêo só havia uma disciplina, a Dietética, e as outras, eram todas apenas aspectos diferentes da Dietética. Assim, foram surgindo outras disciplinas.

MLMC: E aí elas foram aparecendo nos diplomas das meninas, que foi de onde nos tiramos as informações.

MLMC: Professora, em 58, o curso volta para a Escola Carlos de Campos, e lá na Rua Rego Freitas o Instituto Pedagógico do Ensino, ele passa a ocupar aquele espaço. Como era isso naquela época?

NGS: Mas eles só foram para lá, depois que nos saímos.

MLMC: Isso em 58.

NGS: Nós voltamos por que o Dr. Pompêo foi afastado da direção do curso, mas continuou como pertencente ao Departamento do Ensino Profissional. Voltamos para a Escola Carlos de Campos e continuamos com o curso. Lá na Rua Rego Freitas foi instalado o Instituto Pedagógico do Ensino Industrial. Acharam ótimo, porque aquela altura o prédio já tinha uma cara de escola. Antes não, nós é que enfrentamos aquele momento da adaptação, da transição, e todas as dificuldades inerentes a isso.

MLMC: Mas quanto tempo o Instituto Pedagógico ficou lá?

NGS: Não tenho certeza quanto tempo ficou, porque quando eu fiz o Instituto Pedagógico do Ensino Industrial uma parte foi na Rua Rego Freitas e a outra, em Pinheiros, na Escola Guaracy Silveira (Rua Ferreira de Araújo).

MLMC: Que ano?

NGS: O ano que eu precisaria recordar (olhou documentos seus sobre a mesa). Esse meu diploma é de 65.

MLMC: Esse já era lá.

NGS: Já na Escola Guaracy Silveira, em Pinheiros.

MLMC: Deve ter ficado quanto? Então uns dois anos lá?

NGS: Acho que um pouco mais até, de 58 talvez até 63 por aí.

MLMC: Nessa época, em 65, já não era mais o Arnaldo Laurindo, o superintendente, acho que ele deve ter saído em 62, por aí.

NGS: Realmente, isso eu não sei.

MLMC: E depois dele foi o Walter Costa e depois foi o Paulo Guaracy Silveira.

NGS: O Paulo Guaracy, que é filho do Guaracy Silveira é que é patrono daquela escola.

MLMC: Isso.

NGS: Quando fomos cursar o Instituto Pedagógico do Ensino Industrial era curso de ensino superior. Fizemos o vestibular e o curso. De repente, fomos surpreendidos com a notícia de que não tinha sido reconhecido como de ensino superior. Só era reconhecido como de nível superior no estado de São Paulo. Ficamos mal, porque o que nós queríamos era melhorar a nossa situação, como docentes. Todos eram docentes no ensino industrial. Então, o Dr. Paulo Guaracy, que era nosso professor, disse: “Vou para uma faculdade brevemente e vou pensar seriamente no caso de vocês.” Ele foi um dos fundadores da FMU.

MLMC: Paulo Guaracy Filho

NGS: Paulo Guaracy Filho era nosso colega e foi nosso professor.

NGS: E assim nós fomos aceitos na faculdade, na FMU, para fazer uma adaptação para continuar Pedagogia. Fomos os primeiros alunos daquela faculdade e já entramos no terceiro ano, fizemos todas as adaptações necessárias, cursamos o terceiro e o quarto e saímos com o diploma de Pedagogia.

MLMC: O Instituto Pedagógico foi até que época? A senhora lembra?

NGS: Não tenho ideia, depois, não sei.

MLMC: Acho que até a década de 70.

NGS: Acho que ele desapareceu mesmo, mas foi uma pena: era um excelente curso. E depois tem mais uma coisa, eles falavam a nossa língua. Eu não queria fazer Pedagogia, eu queria fazer Pedagogia do Ensino Profissional. Nós fomos muito bons alunos no curso de Pedagogia. Fomos muito bem recebidos, eles valorizam muito o nosso conhecimento.

MLMC: Professora, a senhora também participou como docente no curso do Instituto Pedagógico, quando foi? E como foi?

NGS: Sim, quando eu era aluna do curso, mas eu fui praticamente monitora do professor Carlos Rolim Afonso, que era o professor de estatística, e ele me atribuiu algumas aulas provavelmente no primeiro ano, e foi muito bom, gostei demais, porque estatística é muito interessante.

MLMC: Professora, quando eu fico lendo o livro do Arnaldo Laurindo, eu não consigo enxergar diretamente, se ele deu apoio ou não ao curso de Formação de Dietistas. Porque, existe toda uma regulamentação para o curso de Economia Domestica, e ele cita que o curso foi para a Escola Carlos de Campos num anteprojeto, com o nome de curso Técnico de Formação de Dietistas. Nós até estudando o currículo, eu preciso rever isso para ter certeza, mas me parece que ele passou a se chamar Técnico em Dietética e depois na década de 70, daí sim Técnico em Nutrição e Dietética.

NGS: Foi isso mesmo, primeiro era curso de Formação de Dietistas. Antes Auxiliares em Alimentação, depois curso de Formação de Dietistas, Técnico em Dietética, e depois Técnico em Nutrição e Dietética. Mas estas datas você vai precisar fazer uma pesquisa de legislação porque eu não lembro datas, nem nada disso. Agora não sei se havia apoio, porque o Dr. Pompêo solicitava muito e não dava sossego ao Departamento do Ensino Técnico.

MLMC: Então, mas quando vocês voltaram para a Escola Carlos de Campos eu lembro que a senhora me contou que vocês ocuparam todo o espaço do Dispensário de Puericultura.

NGS: Não imediatamente, nesse momento, não. Primeiro nós fomos para o prédio velho, que foi derrubado e a gente nem conhece mais, e foi um horror, por que estava velho, deteriorado, cheio de cupins. Mas, estavam também nesse prédio, a cozinha didática e o laboratório. Tínhamos que ficar lá mesmo. Depois quando precisaram derrubar o prédio velho, fomos uma parte para o dispensário e outra parte para o prédio novo.

MLMC: No dispensário tinha salas de alunos ou eram as salas de professores?

NGS: Não, tinha a sala da dona Debbie, que era coordenadora; sala de reuniões. A sala grande (que era a sala de espera das mães quando era Dispensário) usávamos para planejamento, algumas aulas práticas e exposições dos trabalhos dos alunos.

MLMC: Porta maior que dá para a entrada.

Neide: Isto porta de vidro, ali fizemos muitas exposições, fazíamos festas ali, fizemos cursinhos extras ali, inclusive os consultórios dos médicos nós usávamos bem.

MLMC: E aquela estante que era do Pompêo, de madeira, e tal, ela continuava com vocês lá nesse período?

NGS: Aquela que foi feita em Amparo?

MLMC: Eu encontrei aquela estante no Laboratório de Bromatologia, no início de 2000, e depois a professora Tuca quando fez uma revisão no espaço do Laboratório de Bromatologia passou para a gente lá para o Centro de Memória.

NGS: Durante todo tempo que a gente ocupou uma sala, vamos dizer no prédio novo, aquele que dá para a Oriente, que era a sala da coordenação, nos tínhamos esse armário lá e não cedíamos esse armário por nada, por que trazia muitas lembranças. Era a nossa pequena biblioteca que estava nele. E alguns dados importantes, pastas importantes, foi isso até o momento em que me aposentei da Carlos de Campos, em 1984, estava lá nessa sala que era no primeiro andar, segunda ou terceira sala. Ali, tem um depósito, uma primeira sala que era da enfermagem, a seguinte era de nutrição, onde fazíamos reuniões, trabalhos, atendíamos alunos, etc.

MLMC: Eu lembro que tinha a sala da coordenação quando eu entrei.

NGS: Exatamente, é essa.

MLMC: Bom, tem alguma coisa. Eu estou levando o seu diploma para escanear, que na senhora que fez o curso de Dietética.

NGS: Didática, no IPEI.

MLMC: Em 65?

NGS: Aconteceu o seguinte: eu fui para o Instituto Pedagógico para fazer Didática, mas eu não pude fazer. Primeiro, eu tive o curso de Administração Escolar, dois anos e meio.

MLMC: Eles exigiam isso?

NGS: Não sei por que eu tive que fazer. Eu não lembro qual era a exigência, mas primeiro tive que fazer Administração Escolar, dois anos e meio, e depois o de Didática, eu não me lembro a duração do curso de Didática.

MLMC: Esses cursos que horário?

NGS: À noite.

MLMC: E quantas horas? Todos os dias?

NGS: Todos os dias à noite, e a maioria dos professores era dispensado e afastado das escolas, vinha gente do interior, etc. Eu não, como era interina, eu não pude receber esse afastamento.

MLMC: Agora a senhora foi o tempo todo, como funciona?

NGS: Eu trabalhava o dia inteiro na Escola Carlos de Campos e à noite eu ia para o IPEI fazer o curso, que eu achava que era faculdade.

MLMC: Quando deixou de ser interina?

NGS: Quando eu fui efetivada em 1900... Acho que em 1962. Mas isto dá para pesquisar. Foi o seguinte, eu pedi para fazer concurso, porque só podia se efetivar por concurso, e o Departamento não tinha essa possibilidade porque eram apenas dez cargos no estado inteiro de Professora de Dietética. Depois nós tivemos aquela situação terrível, em que fomos para Técnica em Dietética, e passamos a ganhar quase como a cozinheira da escola e continuávamos dando aula.

MLMC: Isso em 58?

NGS: Não mais para lá, um pouquinho, acho que 59, 60, ficamos dez anos nessa situação.

MLMC: Dez anos.

NGS: Sendo professor e com o título de funcionário administrativo, técnico. Por que a ideia do Dr. Pompêo era a seguinte: eu quero que vocês sejam Técnicas. Porque vocês vão ganhar como Técnico em Educação. Era o maior salário que existia.

MLMC: O laneta fala que era superior ao do diretor.

NGS: Mas aconteceu o seguinte os professores tinham referencia 36, eu lembro bem. Aí houve uma reforma, os professores foram de 36 para 53 e nós fomos de 36 para 39. Ficamos dez anos nessa situação e ninguém deu apoio.

MLMC: E nesse período que a senhora fez o curso superior

NGS: A gente estava tentando sempre.

MLMC: A situação era muito precária.

NGS: E depois disseram que quem não tivesse o diploma de Pedagogia não continuaria nesse curso.

MLMC: Era uma lei federal.

NGS: Aí então nós fomos fazer o Pedagógico, e daí não era mais curso superior, muito bem. O professor Paulo Guaracy nos permitiu fazer essa complementação de Pedagogia com esse objetivo de não perder o emprego, a colocação. Muito bem. Ai depois uma lei transformou novamente de técnico para professor e aí nos ficamos como efetivos, e não sabemos nem como e nem por que, a essa altura a gente já tinha com vinte anos de trabalho ou até mais.

MLMC: É a política sempre.

NGS: Olha, eu vou dizer uma coisa para você: a gente deve muito a um deputado que era um conselheiro da Cooperativa Agrícola de Cotia.

MLMC: A senhora lembra o nome dele?

NGS: Angelo Zanini. Ele entendeu o problema quando ele viu que era gente da nutrição, e tudo isso, ele era mais ou menos do campo. E nos disse: Não, não pode vocês ficar nessa situação.

MLMC: Mas era só nutrição que estava nessa situação ou professores?
Neide: Não, querida. Só nós dez que éramos professores de Dietética do estado, ele entendeu que não podíamos ficar nessa situação.

MLMC: Os professores de Economia Doméstica não tinham esse problema?

NGS: Eles eram professores, eles ganhavam como professores.

MLMC: É isso que eu falo para a senhora, que o curso foi penalizado.

NGS: Foi. Eu acho inclusive que como o Dr. Pompêo não podia ser diretamente atingido, a não ser por esse afastamento, pegaram pelo lado mais fraco: suas funcionárias.

MLMC: O que mostra a força da equipe para manter esse curso.

NGS: Foi, foi mesmo. Eram professoras sem esse problema: a Dalva, a Debble, e a Yonne, só, as outras todas estavam nessa situação.

MLMC: Por quê?

NGS: Elas eram professoras de Educação Doméstica.

MLMC: Elas também tinham o curso superior?

NGS: Fizeram o curso superior, mas não era isso, elas eram efetivas, nós fomos nomeadas em 52 como Professoras de Dietética, as primeiras e únicas do Estado.

MLMC: Ah! Mas elas foram contratadas antes, como professoras de economia doméstica.

NGS: Elas estavam contratadas antes como professoras de economia doméstica.

MLMC: Uma coisa que eu não entendo: a professora Debbble ela foi para os USA, em 56.

NGS: Foi.

MLMC: E quando ela voltou, ela deu curso para a Nestlé. Ela não questionava isso? Se fosse o Pompêo ia questionar?

NGS: Questionava como?

MLMC: E ela foi falar do curso de Economia Doméstica, como ela trouxe aquela experiência de lá.

NGS: É porque ela foi para uma Universidade de Educação Doméstica. E ela aprendeu muito lá também e trouxe muita coisa interessante para a gente.

MLMC: Então ela deve ter ido mais como uma capacitação pessoal, como eu vou hoje fazer curso lá fora, apresentar trabalho.

NGS: Foi. Exatamente, a Dalva foi fazer curso em Viçosa, ela não teve condições de fazer aqui, e também a orientação era americana lá. A parte de nutrição era com uma professora americana.

MLMC: Nesse período da década de 50 e 60 a gente já começa a sentir a influência dos americanos na alimentação, tinham acordos do Oswaldo Aranha.

NGS: MEC/USAID.

MLMC: Isso a gente começa a ver o MEC/USAID entrando e que no governo dos militares eles interferiram na estrutura do currículo da nossa instituição

NGS: E daí surgiu àquela campanha da soja. Mas o Dr. Pompêo não era contra soja, não. Um feijão, mas feijão, um excelente feijão, mas não é carne vegetal, leite vegetal, ovo vegetal, não.

MLMC: Principalmente para criança.

NGS: Isso. Como feijão não há, se bem que ele é difícil de cozinhar, tem um princípio tóxico. Tudo aquilo ele sabia bem. Vivia gente lá, os americanos levando preparações lá na Rua Rego Freitas para o Dr. Pompêo experimentar. E ele dizia: “Eles são tão idiotas, que em vez de chamar torta de soja, chamam de bagaço. Quem vai comer bagaço? Bagaço é para porco”. (risos)

MLMC: A senhora tem razão, para os animais a gente chama de torta, quanto mais humana.

MLMC: A senhora me ajudou muito hoje, a senhora me passou muitas informações, eu vou transcrevê-las, depois eu vou passar para a senhora, a gente pode conferir e alterar. Obrigada professora.

NGS: Sinto muito prazer em falar do meu curso.

Descritores

Administração Escolar

Alimentação e Nutrição

Angelo Zanini

Arnaldo Laurindo

Auxiliares em Alimentação

Bromatologia

Carlos Rolim Afonso

Curso de Formação de Mestras e Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação

Curso para Donas de Casa

Dalva Maria Oliani

Debble Smaira Pasotti

Departamento do Ensino Profissional

Didática

Dietistas

Dispensário de Puericultura
Divulgação de Conhecimentos sobre a Alimentação Correta
Educação Profissional
Ensino Profissional
Escola Carlos de Campos
Escola Guaracy Silveira
Estágio
Faculdade Engenharia Agrícola
Francisco Pompêo do Amaral
História Oral na Educação
História Oral Temática
Instituto Pedagógico de Ensino Industrial - IPEI
Livro “A alimentação em São Paulo no período de 1941 a 51”
Maecyra Bernardes de Melo
Maria Lucia Mendes de Carvalho
MEC/USAID
Memórias do trabalho docente
Memórias e História da Educação Profissional
Neide Gaudenci de Sá
Paulo Guaracy Filho
Pedagogia de Ensino Profissional
Prêmio Nacional de Alimentação
Química
Refeitório escolar
Rua Rego Freitas
Serviço de Alimentação da Previdência Social - SAPS
Soja
Técnico de Formação de Dietistas
Técnico em Educação
Técnico em Nutrição e Dietética
Tese de doutorado
Universidade Estadual de Campinas
Walter Costa

Yonne Cintra de Souza

Dados Biográficos da Entrevistada



Neide Gaudenci de Sá, em sua residência durante a entrevista, em
18/03/2012.

Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Neide Gaudenci de Sá é dietista, normalista, nutricionista e pedagoga, nasceu em 2 de maio de 1933, em São Paulo. Em 1946, ingressou na Escola Industrial Carlos de Campos e por quatro anos cursou o vocacional e o secundário, e entre 1950 e 1951, fez o curso de Formação de Mestras de Educação Doméstica e Auxiliares de Alimentação. Foi nomeada para lecionar na Escola Técnica Carlos de Campos, em 1952, passando a integrar a equipe de professores do Curso de Auxiliares em Alimentação, realizando pesquisas higiênicos-sociais relacionadas com a alimentação, sob a orientação do médico-chefe Francisco Pompêo do Amaral. Em 1954, recebeu o Prêmio Nacional de Alimentação do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) como colaboradora do Dr. Francisco Pompêo do Amaral na

realização da pesquisa “Alimentação em São Paulo no período de 1941 a 1951”. Participou do II Congresso Brasileiro de Nutricionistas, promovido pela Associação de Nutricionistas da Universidade de São Paulo e pela Associação de Dietistas do Estado de São Paulo, com a colaboração da Associação Brasileira de Nutricionistas, como membro ativo (técnica), em julho de 1960, apresentando a comunicação “Inquéritos sobre Alimentação. Técnica de sua realização”. Entre 1964 e 1965, fez os cursos de Administração Escolar e de Cultura Técnica pelo Instituto Pedagógico do Ensino Industrial. Formou-se em Pedagogia pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, em São Paulo, em 1969, e em Administração Escolar e Supervisão Escolar pela Faculdade Campos Sales, em 1976. Por seis anos, a partir de 1978, atuou como consultora de cursos de nutrição na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Publicou o livro “Nutrição e Dietética”, pela Editora Estrutura, em 1979, e depois, pela Editora Nobel, cerca de sete edições e inúmeras reimpressões, em São Paulo. A segunda edição foi revista e a quinta edição, em 1984, foi revista e ampliada. Esse livro é um marco importante na difusão de conhecimentos da nutrição humana. Em 1981, recebeu do Conselho Regional de Nutrição o seu registro como nutricionista. Aposentou-se em maio de 1984 da Escola Técnica de Segundo Grau Carlos de Campos, tendo atuado como aluna, professora, pesquisadora, coordenadora e orientadora, e sempre lutando incessantemente para o reconhecimento legal do curso. Em 1985, publicou a pesquisa “Custo da Alimentação Correta em São Paulo de 1940 a 1984”, que foi incorporada ao acervo do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-econômicos – DIEESE. O livro “Princípios de Nutrição” foi publicado pela Editora Nobel na Coleção Campo & Cidade. Em 2002, Neide Gaudenci de Sá foi homenageada pelo Conselho Regional de Nutrição, CRN-3, em 26 de setembro, na Assembleia Legislativa de São Paulo durante o evento de comemoração ao Dia do Técnico em Nutrição e Dietética, cuja data estabelecida foi 27 de junho a partir deste evento,. Durante a solenidade foi criado o Prêmio Destaque Profissional do Ano, denominado Professora Neide Gaudenci de Sá, por sua importância profissional. Em 2007, publicou o livro “Nutrição – Conceitos e Aplicações”,

em co-autoria com Monica Santiago Galisa e Lelia Maria Biscolla Esperança, pela Editora Nobel, em São Paulo.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e

Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexo (documento é sigiloso e não ficará abert online ao público):
Carta Cessão dos Direitos Autorais e de uso de Imagem